

---

## **RETRATOS DE GUERRA NA LITERATURA: OS DIÁRIOS**

**Estudantes: Ana Angélica Costa Davi, Bruna Alves Araújo, Stella Flores Pereira Rocha**

**Orientadora: Gyzely Suely Lima**

**Escola: Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM - *Campus* Uberlândia Centro**

### **Resumo**

A proposta deste estudo contextualiza-se na necessidade de entendermos como escritores têm se expressado artisticamente sobre as guerras nos últimos cem anos. Vale destacar que a guerra se caracteriza atualmente como temática de grande importância uma vez que compreende conflitos presentes no âmbito mundial. Os conflitos ou guerras são gerados na maioria das vezes pela disputa de reconhecimento e poder, seguindo o raciocínio da hierarquização da sociedade, e muitas vezes os produtos de tais conflitos afetam pessoas de forma direta ou indiretamente. Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma análise sobre como os conflitos sociais são abordados em textos literários contemporâneos, bem como um levantamento de escritores contemporâneos que abordam a temática de conflitos sociais do em sua produção literária, considerando os aspectos socioculturais, simbólicos e discursivos presentes em textos literários na temática abordada. Vale ressaltar que a linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato da sua recepção. As metodologias utilizadas referem-se à literatura comparada e aos estudos culturais. Como resultados preliminares apresentamos a análise das obras “ O Diário de Anne Frank” e “O Diário de Myriam-Myriam Rawick” ( SNCT 2018), triangulação das obras “ O Diário de Anne Frank”, “O Diário de Myriam- Myriam Rawick” e o “Diário de Mary Berg” nas esferas do Trauma, “ Real”, Inimaginável, estudo e análise da obra “ O Menino de Alepo” nas esferas do Trauma, “Real”, Inimaginável, estudo da obra “ Terra Sonâmbula”, estudo geopolítico. Para a apresentação dos resultados usamos um painel na parede com as frases escolhidas dos livros e um tabuleiro com os países de cada personagem em 3D. Em cada país terá uma caixinha, com elementos de determinada obra que levará a uma frase correspondente no painel. Descobrimos assim o personagem e a história da obra com a temática deste trabalho.

**Palavras-chave:** diários, literatura comparada, estudos literários, guerra.

### **Introdução e justificativa**

Considerando a relevância que a ciência emprega nas investigações que buscam conhecer o desenvolvimento da humanidade e as relações e inter-relações humanas, destacamos a importância dada pelo homem em registrar artisticamente os conflitos existentes desde os tempos mais remotos da mesma, que são ocasionados pelo relacionar-se em comunidades e divergências de saberes e opiniões dos indivíduos. Percebemos que muitos estudos científicos de distintas áreas do conhecimento objetivam compreender como esses conflitos afetam as pessoas nos âmbitos social, psíquico, familiar, corporal e individual, analisando como e quais reações essas pessoas apresentam ao serem obrigadas a migrar de um lugar para o outro deixando para trás sua referência física- geográfica- cultural para mergulhar em um futuro incerto e desconhecido.

Vale destacar que em materiais didáticos utilizados nas instituições de ensino há o saber emoldurado a partir de evidências históricas e estudos sociológicos que se tornam fontes de leitura para que em sala de aula se promova a reflexão sobre a busca constante do ser humano pelo saber de sua origem, história do lugar onde pertence e o entendimento da sociedade complexa onde se insere como indivíduo. Nesse mesmo sentido, assim como se encontram em fontes históricas e livros didáticos relatos de acontecimentos e conflitos advindos das interações humanas, esses conflitos e disputas pela conquista de territórios, poderes políticos, econômicos e sociais, também são retratados em textos literários, de modo que o tema guerra nesse âmbito possui, segundo C.Guillén (1895), temas “ de longa duração” que se caracterizam por um forte aspecto de historicismo, pois “ atuam no tempo e no espaço, ao largo da história e da cultura.”

Sobre a abordagem dos conflitos de guerra na Literatura, Peruzzo (2011) destaca em sua tese que esse tipo de temática de longa duração, em nosso entendimento, ajuda a compreender as transformações no modo como os homens veem a si mesmos, e, a partir disso, pode ajudá-los na maneira de se colocarem em frente ao mundo e aos problemas que lhes são apresentados na atualidade. Nessa perspectiva, a guerra caracteriza-se, então, como tema de grande relevância a ser estudado nos textos literários de modo geral como, por exemplo, o que está representado no estudo comparativo feito por Peruzzo (2011) sobre a temática da guerra nos romances Terra Sonâmbula, de Mia Couto, e Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane, conforme detalhamos a seguir no referencial teórico deste projeto de pesquisa.

Como as guerras passadas foram retratadas na Literatura, o mesmo acontece com guerras e conflitos contemporâneos. Percebemos que a guerra na Síria, que se iniciou em 2011 por insatisfações da população e que se arrasta até os dias atuais com resultados aterrorizantes para o âmbito mundial, também tornou-se um possível tema retratado por escritores contemporâneos com indignação às milhares de vidas que são dizimadas. Portanto, buscamos estabelecer um estudo com obras desse cunho através, do pressuposto metodológico a Literatura Comparada adotando como pano de fundo para a realização desse método a Literatura do Trauma. As obras e conflitos sociais selecionados para esse estudo foram escolhidas através do levantamento de escritores contemporâneos e publicações sobre conflitos sociais nos últimos cem anos.

## **Objetivos**

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma análise sobre como os conflitos sociais são abordados em textos literários contemporâneos, bem como um

levantamento de escritores contemporâneos que abordam a temática de conflitos sociais do em sua produção literária, considerando os aspectos socioculturais, simbólicos e discursivos presentes em textos literários na temática abordada.

## Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo diz respeito a Literatura Comparada, criada com a finalidade de se obter leis gerais como destaca Carvalho (2006) a Literatura Comparada passou por diversas ressignificações em detrimento dos objetivos de cada pesquisador e localidade, apresentando assim diferentes contextualizações na Europa. A Literatura Comparada nasceu na França, no século XIX a nova disciplina se formou a partir da ideia de centralidade da Literatura Francesa, cujo principal postulado era a influência que exercia sobre as demais. Entretanto houve contrapartidas com relação ao verdadeiro papel que essa desempenhava. A contrapartida veio de professores (muitos deles emigrados europeus) dos departamentos das universidades americanas, que adotaram uma posição mais ampla. Muitos deles já não faziam distinção rígida entre Literatura Geral ou Literatura Mundial e Literatura Comparada. Remak questiona a assertiva do crítico francês Tieghem Na qual a literatura comparada envolvia investigações limitadas a dois países. “Por que uma comparação entre Richardson e Rousseau deveria ser classificada como literatura comparada, ao passo que uma comparação entre Richardson, Rousseau e Goethe [...] seria atribuída à literatura geral?” (REMAK, 1994, p. 186). Surge, então, uma nova questão metodológica, o diálogo entre a Literatura e outras áreas do saber. A definição de Remak é bem ampla e se aproxima daquilo que se pratica até hoje.

“A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes [...], a filosofia, a história, as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana” (REMAK, 1994, p. 175).

Assim sendo, torna-se relevante observar o novo contexto em que a Literatura Comparada se faz presente. Passados mais de quatro décadas Passados da publicação do último texto que compõe a antologia, o que é diferente. Na América Latina aconteceu a inserção de maneira cabal, as literaturas hispânicas do subcontinente no cânone da literatura. Mas o fenômeno talvez mais impressionante foi a emergência tanto de literaturas africanas e também de literaturas de países asiáticos (como Índia e Paquistão) escritas nas línguas europeias. Uma

característica que mudou o mapa das grandes literaturas: escritores “étnicos” (seja pela cor seja pela religião: negros, mestiços, muçulmanos), vindos das antigas colônias, deixaram seus países e se radicaram nas metrópoles dos países ocidentais começando a dar novas configurações às literaturas nacionais. Pode-se ter como exemplo Léopold Sédar Senghor (do Senegal) publicou a *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*, o caderno *Poesia negra* de expressão portuguesa, organizado por Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade. Um ponto comum nessas literaturas, bem como em alguns autores do Caribe e da América Hispânica, é a tentativa de se aperfeiçoar da tradição literária, transformando-a de modo a integrar as tradições orais que caracterizam essas culturas.

Dessa forma, os resultados obtidos e analisados devem ser apresentados por meio de um painel na parede com as frases escolhidas dos livros e um tabuleiro com os países de cada personagem em 3D. Em cada país terá uma caixinha, com elementos de determinada obra que levará a uma frase correspondente no painel. Descobrimo-nos assim o personagem e a história da obra com a temática do projeto.

## Resultados e Discussão

Os resultados apresentados nessa pesquisa a partir da tabulação de todas as cinco obras apresentadas e discutidas no decorrer deste trabalho através da teorização da Literatura do Trauma na qual Seligmann-Silva apresenta três conceitos utilizados são eles o trauma, o real e o inimaginável. Seligmann-Silva explica: O real manifesta-se na negação: daí a resistência à transposição do inimaginável para o registro das palavras; daí também a perversidade do negacionismo que como que “coloca o dedo na ferida” (trauma) do drama da irrepresentabilidade vivido pelo sobrevivente.

Para Seligmann os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (que Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma- e, portanto envolve a resistência e a superação da negação-, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável. Então, aquele que testemunha sobreviveu- de modo incompressível- á morte: ele como que a penetrou. Se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua. Nele a morte- o indizível por excelência, que a toda hora tentamos dizer - recebe novamente o cetro e o império sobre a linguagem. O simbólico e o real são recriados na sua relação de mútua fertilização e exclusão. A memória só existe ao lado do esquecimento : um contempla e alimenta

o outro, é o fundo sobre o qual o outro se inscreve. Para o sobrevivente, a narração combina memória e esquecimento.

Primo Levi afirma na obra *Os afogados e os sobreviventes* que não sabe se os testemunhos são feitos “por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos ou, então, para nos livrarmos de sua memória: com certeza faremos por impulso forte e duradouro.” Em resumo os resultados são uma imagem referente as cinco obras aqui discutidas, uma caixa de memórias onde estão trechos dos livros recolhidos das tabulações feitas, e por fim o *Diário de uma Pesquisadora*, o que o próprio nome sugere um diário onde a pesquisadora relata todas as experiências vividas ao longo da pesquisa.

## Conclusões

Para Seligmann-Silva (2003) literatura de testemunho é um conceito que ,nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre literatura e a “realidade”. O conceito de testemunho desloca “o real” para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pela elemento singular do “real” em um esquema dessa modalidade testemunhal e encontra-se a figura do mártir- no sentido de alguém que sofre uma ofensa que pode significar a morte-, termo que vem do grego mártir e significa testemunha ou sobrevivente. Mas Seligmann explica que é necessário manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um “martírio” pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal. O “real” é- em certo sentido, e sem qualquer modalidade de relativismo sempre traumático, pensar sobre literatura de testemunho implica repensar a nova visão da História, ou seja do fato histórico.

Aquele que testemunha se relaciona de modo excepcional com a linguagem : Ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o ”indizível” que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada um o traço substituto e nunca perfeito e insatisfatório de uma falta, de uma ausência, explica Georges Perec- autor de *W* ou a memória da infância.

Já a experiência traumática é, para Freud aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Os exemplos de eventos traumáticos são batalhas e acidentes: o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos. A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato da sua recepção. Daí Freud destaca a repetição constante alucinatória, por parte do “traumatizado” da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um

desencontro com real ( em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida). A incapacidade de simbolizar o choque- o acaso que surge com a face da morte e do inimaginável- determina a repetição e a constante “posteriormente”.

Para Walter Benjamin com base em termos muito semelhantes o choque é parte integrante da vida moderna: a experiência agora deixa de submeter-se a uma ordem contínua e passa a estruturar-se a partir das inúmeras” interrupções” que constituem o cotidiano moderno. Ao pensar na literatura de testemunho, redimensionamos a relação entre a linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao afirmar simplesmente que “tudo é literatura/ficção”. Ao pensarmos , Auschwitz fica claro mais do que nunca a questão não está na existência ou não da "realidade", mas na nossa capacidade de percebê-la e de simbolizá-la, explica Benjamin. Saul Friedländer, um dos maiores historiadores da Shoah ( catástrofe em hebraico) resumiu o estado atual das pesquisas sobre esse evento com as palavras: “ Três décadas aumentaram o nosso conhecimento dos eventos esse, mas não a nossa compreensão deles. Não possuímos hoje em dia nenhuma perspectiva mais clara, nenhuma compreensão mais profunda do que imediatamente após à guerra ". O trabalho de luto que realizamos com relação às Shoah- um trabalho dúbio, fadado a sempre recomeçar, muito mais melancolia que propriamente luto- Friedländer compara ao que Blanchot denominou de “observação do significado ausente”.

Portanto, para Gertrud Koch- que nega a existência do real ( em vez de negar apenas a existência de uma determinação única e ontológica do mesmo). Para Seligmann o guarda-chuva para as idéias dos (in) famosos negacionistas de Auschwitz e simplesmente evita a reflexão sobre o “espaço” entre a linguagem e o “real”. Seligmann-Silva explica: O real manifestar-se na negação: daí a resistência à transposição do inimaginável para o registro das palavras; daí também a perversidade do negacionismo que como que “ coloca o dedo na ferida” (trauma) do drama da irrepresentabilidade vivido pelo sobrevivente. Para Seligmann os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa ( que Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma- e, portanto envolve a resistência e a superação da negação-, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável. Então, aquele que testemunha sobreviveu- de modo incompressível- á morte: ele como que a penetrou. Se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua. Nele a morte- o indizível por excelência, que a toda hora tentamos dizer - recebe novamente o cetro e o império sobre a linguagem. O

simbólico e o real são recriados na sua relação de mútua fertilização e exclusão.

A memória, assim como a linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios etc. A memória só existe ao lado do esquecimento : um contempla e alimenta o outro, é o fundo sobre o qual o outro se inscreve. Para o sobrevivente, a narração combina memória e esquecimento. Primo Levi afirma na obra *Os afogados e os sobreviventes* que não sabe se os testemunhos são feitos “ por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos ou, então, para nos livrarmos de sua memória: com certeza faremos por impulso forte e duradouro.”

Seligmann-Silva destaca, a necessidade de testemunhar Auschwitz fica clara se lembrarmos dos inúmeros livros de memória redigidos logo após aquela tragédia. Os chamados *Yizkor Bikher*, cerca de 400 foram publicados, não são nada mais do que a uma continuidade tanto da tradição iconoclasta judaica como da outra face dessa tradição: a de escrita e da narração como meios de manter a memória e o seu meio de sobrevivência, a língua ídiche, que constitui um quadro dessa memória. Escritura e morte reencontram-se aqui nos livros de memória, mas agora em sentido oposto ao que vimos, ou seja não mais da morte na base linguagem mas sim na medida em que o texto deve manter a memória, a presença dos mortos e dar um túmulo a ele. A profunda relação entre a memória ou espaço é portanto notar em que medida a memória é uma arte do presente, mas também a relação entre a memória e a catástrofe, entre memória e morte, desabamento. Seligmann-Silva explica, note-se, fica acentuada a dialética íntima que liga o lembrar ao esquecer, se pensarmos na etimologia latina que deriva esquecer, cair: o desmoronamento apaga vida, as construções, mas também está na origem das ruínas e das cicatrizes.

Por fim, reconhecemos as limitações de nosso estudo e o fato que este poderia ter apresentado maior aprofundamento em alguns pontos. Contudo, o nosso principal objetivo foi alcançado e por meio dessa análise identificar a maneira como os autores contemporâneos que tratam de conflitos sociais da sua época e qual os seus objetivos a recolherem a escrita para denunciar os sofrimentos daqueles que não são capazes de o fazer. Por conseguinte com a conclusão desse trabalho pode-se fazer algumas considerações. Primordialmente pode-se destacar a complexidade que o campo literário possui no âmbito da representação da temática, ou seja não abarcam todos os sentimentos que aqueles que vivenciaram a guerra sentiram, a literatura de testemunho articula-se de um lado, com a necessidade de narrar a expressão viva; do outro, a percepção tanto da insuficiência diante dos fatos como também a incapacidade de simbolizar, o indizível.

A partir dos livros, os traumas vividos pelos sobreviventes de guerra passam a ser

sentidos pelos leitores que mudam o olhar sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo por meio do texto literário. Esse é o poder da Literatura como espaço, geradora de empatia, catarse, válvula de escape para as dores. (LIMA, 2019).

Em vista disso conclui-se que o papel de autores sejam aqueles que publicam um livro, ou aqueles que utilizam das mídias sociais para partilhar seus textos, suas memórias, suas histórias juntamente da literatura é de fundamental importância, pois o papel que esses desempenham é justamente mostrar através dos seus relatos pessoais o que muitas das vezes as mídias e meios de comunicação como telejornais, jornais e revistas não são capazes ao noticiar esses conflitos sociais para o mundo. É a capacidade de emocionar, e transformar o olhar dos leitores globais com relação a esses conflitos, gerando novas mudanças e novos hábitos de modo global. A literatura realiza seu papel ao ser veículo para esses relatos e mudanças como ocorreu e ocorre ao longo de toda a história humana. Sendo assim a mesma não permanece omissa diante das atrocidades reveladas pelos autores que rompem com a barreira do indizível e relata todo o horror vivenciado na guerra, a literatura e por fim uma espécie de refúgio não silencioso, onde memórias e desastres estarão registrados mas ainda haverá um grito rouco e cansado para que as futuras gerações ouçam as suas palavras, os seus gemidos e acabem com o motivo de suas lágrimas.

## Referências

- BERG, M. G. **O Diário de Mary Berg- Memórias do Gueto de Varsóvia**. São Paulo: Amarilys, 2009.
- COUTO, M. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.
- FRANK, A. M. **O Diário de Anne Frank**. São Paulo: Record, 1995.
- GRAMA, D. F. **Uma análise lexicográfica dos elementos coesivos sequenciais do português para a elaboração de uma proposta de definição: um estudo com base em corpus**. 2016. 371 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.
- PERUZZO, L. D. **De armas e de palavras : um estudo comparado da temática da guerra em Terra Sonâmbula, de Mia Couto, e Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- RAWICK, M ; LOBJOIS, P. **O Diário de Myriam**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.
- Revista Brasileira de Literatura Comparada / Associação Brasileira de Literatura Comparada – v.1, n.1 (1991) – Rio de Janeiro: Abralic, 1991- v.1, n.23, 2013

---

SELIGMANN- SILVA (ORG.), Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes.** São Paulo: Unicamp, 2003.